

GÊNEROS TEXTUAIS: UM RECURSO FACILITADOR NO ENSINO DE QUÍMICA

Kamila Teixeira Crisóstomo (UNEF)

kamila18bj@gmail.com

Leila Alves Vargas (UNEF)

leilinhaalves@yahoo.com.br

RESUMO

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, publicados em 1998, apontam uma necessidade latente de se trabalharem os gêneros textuais na escola, como uma nova possibilidade ao ensino meramente tradicional que era feito. Os gêneros textuais, hoje, de acordo com a linguística textual, são fundamentais para o ensino e aprendizagem das mais variadas disciplinas. Autores como Marcuschi (2008), Bakhtin (2003), Bronckart (2003) trabalham com essa temática e mostram a importância de se considerar o seu uso na escola. Diante disso, o presente artigo tem por objetivo mostrar como o uso dos diferentes gêneros textuais pode tornar-se um instrumento facilitador no ensino de química. De fato, uma das características dessa disciplina é o uso de uma linguagem puramente técnica e de difícil compreensão para a maior parte dos educandos. Os termos e expressões comuns nesta ciência estão pouco presentes no cotidiano do aluno. Somado a isso, encontramos muitos professores que utilizam apenas livros didáticos como recurso de ensino, o que dificulta ainda mais o processo educativo. Muitos educadores acreditam que o livro é um instrumento único de ensino e não ousam buscar recursos complementares. Diante desse cenário, este trabalho sugere a utilização de diversos gêneros textuais na abordagem dos conteúdos de química, a fim de facilitar o processo ensino-aprendizagem. A utilização de diferentes textos apresenta-se como significativa alternativa para proporcionar um ensino mais interessante, útil e prazeroso.

Palavras-chave: Ensino. Química. Gêneros textuais.

1. Introdução

Ser professor nos dias atuais, em que o crescimento tecnológico mostra-se cada vez mais acelerado, não é tarefa fácil, uma vez que é praticamente impossível competir com os atrativos que tais tecnologias oferecem. Nesse sentido, ser professor de química pode ser algo ainda mais difícil, já que a disciplina é rotulada como difícil, com expressões e fórmulas complexas, além dos professores carrascos.

Diante desse cenário, fica evidente a necessidade, cada vez mais acentuada, de se buscarem recursos que facilitem a aprendizagem do aluno, retirando esses pré-conceitos que os educandos trazem consigo, com a finalidade de mostrar-lhes que o estudo de química pode sim ser praze-

roso e que esta ciência está muito mais presente em suas vidas do que podem imaginar.

O professor precisa de se conscientizar da necessidade de romper com o ensino tradicional, pautado, na maioria das vezes, em livros didáticos, e oferecer aos alunos uma “química” contextualizada e significativa.

É nesse contexto que, através de um trabalho interdisciplinar com a língua portuguesa, este artigo propõe a utilização de diferentes gêneros textuais (gêneros textuais) como um instrumento facilitador no ensino de química.

2. *Uma visão geral sobre o ensino de química*

Quando se pergunta aos alunos o que eles pensam sobre estudar química, não é de se espantar quando se ouvem respostas como “é muito difícil”, “não entendem nada que seus professores explicam” ou “os professores são carrascos”. Infelizmente, a química é passada para o educando de forma descontextualizada, com cunho meramente tradicional, o que gera um nível de dificuldade relativamente grande. Para Fazenda (2005, p. 16),

Os currículos organizados pelas disciplinas tradicionais conduzem o aluno apenas a um acúmulo de informações que de pouco ou nada valerão na sua vida profissional, principalmente porque o desenvolvimento tecnológico atual é de ordem tão variada que fica impossível processar-se com a velocidade adequada a esperada sistematização que a escola requer.

O fato é que esse acúmulo de informação, desordenada e desvinculada das vivências diárias, pouco acrescenta na vida do aluno. E o resultado disso, na maioria das vezes, é um processo ensino-aprendizagem baseado em decorar conceitos que em poucos dias serão esquecidos.

Entretanto, esse não é o objetivo da educação, pois a escola deve trabalhar a fim de formar cidadãos críticos e aptos a encarar o mercado de trabalho.

As tradicionais e, muitas vezes cômodas – para o professor – aulas expositivas precisam de uma vez por todas dar lugar ao ensino contextualizado e significativo, desenvolvendo, assim, a criticidade do aluno. Conforme os *Parâmetros Curriculares Nacionais*,

As competências e habilidades cognitivas e afetivas desenvolvidas no ensino de química deverão capacitar os alunos a tomarem suas próprias decisões

em situações problemáticas, contribuindo assim para o desenvolvimento do educando como pessoa humana e como cidadão. Para seguir o fio condutor aqui proposto para o ensino de química, combinando visão sistêmica do conhecimento e formação da cidadania, há necessidade de se reorganizar os conteúdos químicos atualmente ensinados, bem como a metodologia empregada. Considerando-se, entretanto, que o ensino de química praticado em grande número de escolas está muito distante do que se propõe, é necessário então que ele seja entendido criticamente, em suas limitações, para que estas possam ser superadas.

Entretanto, mesmo após a publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, vemos que pouco se mudou na metodologia e maneira como os conteúdos químicos são abordados.

O ensino de química deveria levar o educando a pensar criticamente, buscar respostas, investigar, passando, assim, do *status* de pavorosa para prazerosa. Porém, como já dito, essa não é a realidade encontrada na escola, já que a exposição de fórmulas, nomenclaturas difíceis e conceitos abstratos predominam na sala de aula.

Irônico é pensar que uma ciência tão rica, que tanto poderia ser explorada, de forma a se aproximar do dia a dia do aluno, acaba se tornando um tormento, para muitos.

Essa descontextualização do ensino gera grandes dificuldades para o educando que, apesar de só ter um contato mais direto com a química no ensino médio, já chega com esse pavor pela disciplina antes mesmo de conhecê-la.

Outro ponto que deve ser repensado diz respeito à carência de um ensino interdisciplinar. Pouco, ou nada, se tem visto na prática docente e nos livros didáticos sobre o trabalho interdisciplinar, a fim de promover a interação entre as disciplinas, fazendo com que as mesmas se tornem aliadas no processo ensino-aprendizagem, facilitando, assim, a vida escolar do aluno.

O ensino de química tem ficado limitado aos livros didáticos, que são pouco contextualizados e quase nada interdisciplinares. Para se ter uma dimensão da situação, ao se observar a análise do conteúdo “Ácidos e Bases” em três livros utilizados no ensino médio, não encontramos nenhum que se mostrasse de forma contextualizada e interdisciplinar. As atividades neles propostas são mecânicas, partindo do princípio de se decorarem fórmulas e nomes de compostos, sem fazer conexões com o mundo além da sala de aula.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Os livros analisados foram: *Química na Abordagem do Cotidiano* – Francisco Miragaia Peruzzo e Eduardo Leite do Canto; *Química* – Ricardo Feltre; *Química: Ser Protagonista* – Julio Cezar Foschini Lisboa. Vale ressaltar que tais livros são utilizados na rede privada, estadual e federal de ensino.

Essa realidade encontrada nos livros didáticos, somada à falta de comunicação entre os profissionais de uma mesma escola, acaba fragmentando o ensino, que deveria ser interdisciplinar. Para Lück (1995):

Surge como uma demanda cada vez mais clara e evidente entre os educadores a necessidade de se promover e superar essa fragmentação, em busca de uma visão e ação globalizadora e mais humana. Aliás, essa consciência não se restringe apenas ao ensino. Ela se manifesta nas múltiplas áreas de atuação humana.

É a partir da necessidade dessa ação globalizadora, interdisciplinar e integrada, a fim de promover um ensino mais eficiente, que se reflete, aqui, sobre a importância de se buscarem, na língua portuguesa, os gêneros textuais como recurso facilitador no ensino de química.

3. *Gêneros textuais e ensino de química*

Entende-se por gênero textual toda forma de texto, oral ou escrita, que possui linguagem própria e características diferenciadas. Os gêneros textuais marcam presença constante em nosso cotidiano, seja em uma notícia jornalística ou até mesmo em um diálogo.

A utilização de gêneros textuais na aula de química deve estar no contexto do assunto trabalhado naquele momento, a fim de oferecer ao educando a oportunidade de compreender o conteúdo e não, decorá-lo para fazer uma prova.

É fato que, ao utilizar os gêneros textuais na sala de aula, o professor proporcionará a sua turma a oportunidade de compreender melhor os conceitos de química. Entretanto, este não será o único benefício para os educandos, já que, ao ter contato com diferentes gêneros textuais, eles irão exercitar a habilidade de interpretar e compreender diferentes tipos de textos, desenvolvendo o senso crítico e a capacidade de interagir ativamente com o meio social no qual estão inseridos.

Sendo assim, ao introduzir diferentes gêneros textuais em suas aulas, o professor, além de facilitar o ensino de química, ajudará a preparar o educando para viver em sociedade, interagindo com a mesma. Como se

pode observar, a leitura deve estar inserida em sala de aula não apenas nas aulas de português.

Os gêneros textuais possuem características próprias, porém não são estáticos. Eles mudam ao longo do tempo, de acordo com as necessidades que a sociedade possui no momento. Segundo Bronckart (2003, p. 72), “os textos são produtos da atividade humana e, como tais, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos”.

Dessa forma, percebe-se que os gêneros textuais estão diretamente ligados à comunicação entre os indivíduos e diferentes gêneros vão surgindo ou substituindo outros a fim de facilitar o contato social. Os gêneros textuais são apontados por Marcuschi, (2008, p. 149) como “um artefato cultural importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade”.

Essa característica de adaptação dos gêneros às necessidades humanas é muito interessante, pois o ser humano está em constante transformação e, acompanhando essas transformações, sempre existirão novas exigências e necessidades de comunicação. Como afirma Bakhtin, (2003, p. 262), “são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” e os gêneros textuais são capazes de se adequar à essas inesgotáveis possibilidades.

Ao introduzir diferentes gêneros textuais em suas aulas, o professor poderá facilitar o processo ensino-aprendizagem e fazer com que a química deixe de ser um fardo para os alunos. A maioria dos livros didáticos não explora essa diversidade de textos, ficando restritos a textos puramente técnicos.

O que se propõe aqui é uma diversificação, uma fuga do ensino tradicional. A utilização de receitas culinárias e cartas, por exemplo, podem parecer distantes dos conteúdos de química, porém são dois diferentes gêneros textuais que podem ser explorados e que certamente chamarão a atenção dos alunos, já que estão inseridos no seu cotidiano e é diferente daquilo que eles estão acostumados a ver nos livros didáticos. Para lecionar química orgânica ou bioquímica, por exemplo, pode-se utilizar uma bula de remédio para que a turma veja que muitas daquelas fórmulas, nomes e propriedades que estudam estão presentes em um simples comprimido para dor de cabeça. Sem contar com as charges, que fazem do humor um aliado na abordagem dos conteúdos, das quais os educandos tanto gostam.

Assim, pode-se observar que a utilização de gêneros textuais pelos professores de química mostra-se como um rico recurso didático a fim de facilitar o ensino e aprendizagem da disciplina.

4. Metodologia

Para a realização desse artigo, fizemos um levantamento bibliográfico de textos, periódicos e livros de autores que discorrem sobre o uso de gêneros textuais e sobre a importância de um ensino interdisciplinar e contextualizado.

Além da pesquisa bibliográfica, analisamos livros de química utilizados no ensino médio, a fim de verificar se são interdisciplinares e se oferecem aos alunos um ensino voltado para o desenvolvimento da autonomia e consciência crítica do educando.

5. Resultados e discussões

A discussão principal acerca desse trabalho está maneira como a disciplina química é ensinada nas escolas. Esse ensino, quase sempre, é descontextualizado e abstrato, com fortes marcas de uma didática tradicional. Através de levantamento bibliográfico, considerando-se autores que defendem o uso e a importância dos gêneros textuais, entende-se que os mesmos podem ser amplamente utilizados nas aulas de química, como recurso facilitador de ensino. Observou-se, ainda, a grande importância de um ensino interdisciplinar, baseado no cotidiano do educando.

6. Conclusão

O ensino de química tem-se mostrado como algo enfadonho para os alunos. As cansativas aulas expositivas, que ainda estão muito presentes no processo ensino-aprendizagem, pouco contribuem para o crescimento pessoal e social do educando.

Acredita-se, portanto, que é necessário que as aulas de química sejam repensadas, buscando auxílio em outras disciplinas e no cotidiano do aluno, a fim de oferecer um ensino que faça sentido para o discente.

Como alternativa para uma mudança efetiva, pode-se apontar o uso de gêneros textuais na sala de aula, que além de romper com o tradi-

cional, mostra-se como uma maneira de oferecer um ensino mais concreto e próximo da realidade do aluno, que contribua na formação de sua cidadania e autonomia, já que a leitura é um importante instrumento para se alcançarem tais habilidades.

O uso de diferentes gêneros textuais deve ser visto como um recurso facilitador no ensino de química, como algo que, se bem explorado pelo professor, é capaz de aproximar a química do cotidiano do aluno.

Enfim, a utilização dos gêneros textuais pode ser entendida como um trabalho interdisciplinar, em que química e língua portuguesa se unem para oferecer ao educando um ensino de qualidade e significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTHIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 2011.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ, 2003.

FAZENDA, Ivani. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LÜCK, Heloisa. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.